5.

ABRIL · 2019

Ponte de Lima: do passado ao presente, rumo ao futuro!

A CASA DE NOSSA SENHORA DA AURORA, PONTE DE LIMA: ANÁLISE HISTÓRICO-FORMAL

THE HOUSE OF NOSSA SENHORA DA AURORA, PONTE DE LIMA: HISTORICAL AND FORMAL ANALYSIS

A Casa de Nossa Senhora da Aurora foi fundada no século XVIII pela mão dos Sá Coutinho Rebelo Sotto Maior. Apesar do edifício ter nessa altura ganho destaque e valor patrimonial, pelo facto de passar a estar associado a uma família de relevo no panorama social nacional, a sua história começou bastante antes, entre o final do século XVI e meados do século XVII. Tal cenário não se encontrava documentado, nem sequer referido, já que a Casa nunca havia sido alvo de estudo. Os processos de análise e interpretação realizados visam colmatar essa lacuna, pondo a descoberto a história construtiva do objecto.

O estudo enquadrou cada uma das fases construtivas num período histórico-artístico, reconstituindo-as posteriormente, segundo a morfologia que as caracterizou em cada período. Culminou numa linha cronológica que enquadra o edifício, desde a sua fundação, até ao presente.

Concluiu-se reinterpretando as teorias que têm atribuído a autoria do desenho que originou a Casa de Nossa Senhora da Aurora ao arquitecto vianense Manuel Pinto de Vilalobos, pretendendo contribuir para o valor patrimonial do objecto, assim como ser uma ferramenta de investigação que permita continuar o estudo sobre as obras deste e de outros arquitectos ainda no anonimato.

The house of Nossa Senhora da Aurora was created in the 18th century by the Sá Coutinho Rebelo Souto Maior. Even though the building has become more known and valued by that time, as it

AURORA, CRONOLOGIA, ANÁLISE EVOLUTIVA, VILALOBOS

AURORA, CHRONOLOGY, EVOLUTIONARY ANALYSIS, VILALOBOS

became related to a well known family, its history had started long before, somewhere between the ending of the 16th century and the middle of the 17th century. This had never been documented, nor referred, since the house had never been studied before. The analytic processes developed throughout the thesis aim to fulfill that gap, discovering the constructive history of object.
The working process has framed each of the constructive phases in an historical period, reconstituting them later as they were in each of its periods. The constant crossing of the gathered data has culminated in a chronological line that frames the building from its foundation, up to present.
Finally, the reinterpretation of the theories that have been attributing the authorship of the project of the house os Nossa Senhora da Aurora to the architect Manuel Pinto Vilalobos aims to contribute for the patrimonial value of the house, as for being an investigation toll that allows the continuation of the study about this and other achitects from his time, whose work is not documented.

JOANA ROCHA

Enquadramento

A propósito da tese de conclusão do Mestrado Integrado em Arquitectura, pela Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, surgiu a oportunidade de explorar o rico e, em grande parte, desconhecido, património arquitectónico de Ponte de Lima. Na vila, como no restante território nacional, o estudo da arquitectura civil tem passado pela análise e compilação das obras mais caracterizadoras de um tempo ou maneira de construir, ignorando exemplos mais anónimos com grande valor patrimonial. Apesar de muitas obras não serem significativas no panorama social e arquitectónico nacional, adquirem relevância na dimensão da localidade onde se inserem, representando as vivências de famílias da região e albergando, ainda hoje, marcas da história do local. Só a realização de estudos monográficos que deêm a conhecer, de forma detalhada, a arquitectura e os arquitectos de cada região pode levar a uma caracterização cada vez mais sólida e verdadeira da história da arquitectura nacional.
No contexto da arquitectura civil, interessou ao estudo o modelo da casa senhorial. *"A casa nobre é, de facto, uma entidade pouco conhecida na nossa arquitectura e, ameaçada como está – tal como a casa urbana – pelo camartelo da destruição, importa dá-la a conhecer."*[1] Por ser, desde as primeiras civilizações, uma representação do estatuto social dos seus senhores, a casa da nobreza constitui um acumular de vivências, de pessoas, e de lugares, gerando particular interesse pelas motivações que, num ou mais tempos, levaram à sua edificação. Implantada precisamente no centro da Vila e associada há séculos ao nome dos Sá Coutinho Rebelo Sotto Maior, a Casa de Nossa Senhora da Aurora enquadra-se perfeitamente nesta problemática uma vez que nunca havia sido alvo de um estudo transversal que justificasse em pleno o valor do conjunto e o desse a conhecer desde a sua fundação. Pela realização de um levantamento arquitectónico e do estudo da evolução morfológica do edifício, pretende-se contribuir para o entendimento da casa nobre como um objecto em constante mutação, que se vai adaptando a gentes e desígnios, acompanhando os tempos que a conhecem.
Utilizando conhecimentos históricos na tentativa de entender vontades e formas de construir de várias épocas, o cruzamento da história do País e do local, e da análise do construído, sempre com recurso a exemplos comparativos, culminou no entendimento da evolução arquitectónica do conjunto e na reconstituição informada de cada uma das suas fases construtivas. Uma vez a descoberto, a narrativa do objecto permitiu a reflexão sobre a autoria do mesmo, apurando o responsável pelo risco do paço do século XVIII.

[1] AZEVEDO, CARLOS – *SOLARES PORTUGUESES: INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA CASA NOBRE.* LISBOA, 1988, P.11

Do Estado Actual

A recolha e produção de informação, quer teórica, quer visual, que permite enquadrar a Casa de Nossa Senhora da Aurora no tempo presente, constituem um arquivo sobre o estado actual do objecto que virá, posteriormente, a sustentar as teorias sobre o seu passado. Do levantamento arquivístico resultou uma organização da informação recolhida em três grandes tempos. De 1602 a 1715, o primeiro tempo abrange títulos de compra de terrenos e casas no Arrabalde. Um segundo tempo, no século XVIII, enquadra os documentos referentes à construção da Casa de Nossa Senhora da Aurora. O terceiro e último período, diz respeito ao século XIX e engloba o maior número de registos, quer escritos, quer visuais. Interessaram à investigação todos os documentos que, referindo ou não de forma direta o objecto em estudo, permitem enquadrá-lo em épocas específicas, quer de forma imediata, quer por possibilitarem a comparação com objectos semelhantes. Das referências escritas preferiram-se fontes manuscritas, monografias, e qualquer estudo efetuado, quer sobre a Casa de Nossa Senhora da Aurora, quer sobre a casa nobre em Portugal ou sobre a Vila de Ponte de Lima. Quanto a referências visuais, tiveram-se como válidas as representações de elementos relativos ao conjunto edificado ou à Vila de Ponte de Lima.

> ***"A recolha e produção de informação, quer teórica, quer visual, que permite enquadrar a Casa de Nossa Senhora da Aurora no tempo presente, constituem um arquivo sobre o estado actual do objecto (...)"***

A falta de estudos sobre o objecto manifestava-se particularmente na inexistência de desenhos arquitectónicos da Casa, uma vez que os originais não são conhecidos. Foi assim imperativa a realização de um levantamento métrico original de todo o conjunto, traduzido em 5 plantas, uma correspondente a cada um dos pisos do edifício e uma de coberturas; duas secções, ambas no sentido transversal do conjunto; e três alçados nas direcções Norte, Sul e Este.

Uma vez reunidas todas as fontes relativas ao objecto de estudo, interessou perceber o lugar onde o mesmo se insere. De Ponte de Lima, sabe-se que foi adquirindo importância territorial ao longo dos tempos, quer pela passagem

FIGURA 2.
Fotomontagem do alçado principal da Casa de N. S. da Aurora

da via romana nº XIX, quer pela construção da ponte romana, ponto único de atravessamento do Rio Lima durante séculos. No século XIV, as obras de fortificação da vila, resultaram num burgo medieval cercado por muralhas e 9 torres. Já no século XVIII, a cerca foi destruída, provocando a expansão da povoação para os Arrabaldes. É neste contexto que surge a Casa de Nossa Senhora da Aurora. Os 39 metros de frontaria da Casa, continuados durante mais uma centena de metros pelo muro que suporta o jardim e alguns terrenos de cultivo, seguem de forma perfeita os movimentos da Rua do Arrabalde, conferindo-lhe aspectos particulares e distintivos de praticamente todas as casas nobres da região, construídas nos arredores das povoações.

Do Processo Evolutivo

A interpretação das fontes recolhidas acerca da casa de Nossa Senhora da Aurora visa resultar num conjunto de possibilidades volumétricas daquele que terá sido o objecto nas suas diversas fases construtivas. Neste caso, interessa principalmente perceber que *"nem sempre se pode pretender que uma casa de interesse histórico ou artístico seja inteiramente representativa duma época ou dum estilo."*[2]. Relativamente a um objecto à partida tão caracterizador da arquitectura nobre no Norte de Portugal, nos séculos XVII e XVIII, propõe-se o traçar de uma linha cronológica que tem início no século XVI e se prolonga até ao século XX. O conhecimento da história do edifício desde a sua fundação pretende, por um lado, desvendar todos os ímpetos construtivos que, desde o século XVI, foram formando o objecto que hoje existe, e por outro, perceber quais foram as intenções que, no século XVIII, levaram à construção da Casa de Nossa Senhora da Aurora. A cronologia organiza-se segundo uma divisão em três grandes tempos: A ligação a Val de Pereiras (século XVI a XVII), a Casa de Nossa Senhora da Aurora (século XVIII), a Manutenção (século XIX a XX).

A Ligação a Val de Pereiras

A fundação da casa que serviria as freiras afetas ao Convento de Vale de Pereiras[3] quando se deslocassem a Ponte de Lima, visto a viagem entre o Convento e a Vila ser demasiado longa para fazer ida e volta no mesmo dia, não se encontra bem documentada. A quase total inexistência de dados teóricos que sugiram um momento no tempo, constitui uma dificuldade acrescida para a inserção temporal da casa num período especifico. Foi por isso tida como ponto de partida a data de 1714 que, por estar comprovada documentalmente, se sabe ter sido o início da construção do volume que dá actualmente face à rua. Pela lin-

[2] AZEVEDO (1988), P.14

[3] ACREDITA-SE QUE O CONVENTO DE VAL-DE--PEREIRAS TENHA SIDO FUNDADO POR VOLTA DE 1360 NA FREGUESIA DE ARCOZELO, PONTE DE LIMA. COMEÇOU POR SER UM CONVENTO MASCULINO DE FRADES MENORES E ASSIM FUNCIONOU ATÉ 1515, ALTURA EM QUE FOI TRANSFERIDO PARA A COMUNIDADE DE CLARISSAS.

guagem do construído, é possível perceber que parte do edifício será anterior à data de 1714, tendo sido realizada uma análise retrospectiva a partir desse marco. Comprovando esta teoria, surgem dois documentos que, embora não sejam fontes de valor científico inquestionável, abrem caminhos de interesse e que por isso se decidiu explorar. Em 1924, num periódico local escrevia-se "*Casa do Arrabalde – (...) Corre na tradição que pertenceu ao Convento de Val-de-Pereiras, sendo ahi que as freiras, durante o anno, costumavam passar algum tempo*"[4]. Sobre os terrenos em torno da muralha de Ponte de Lima, no século XV, sabe-se que "*toda essa área, para além de pertencer ao rei, estava totalmente ocupada por diversos institutos religiosos*"[5]. Um mapa de Amélia Aguiar de Andrade comprova que o terreno onde se implanta o objecto de estudo seria um desses terrenos no "reguengo régio".

Da observação *in situ*, bem como do estudo dos desenhos resultantes do levantamento arquitectónico, é possível identificar o volume primitivo que se acredita ter sido construído em meados do século XVI, por só no início desse século o Papa Leão X ter transferido o Convento para a comunidade de clarissas. A análise de exemplos contemporâneos, a Casa tradicional em Navió, e a Casa dos Melos, na Pampilhosa, reforça as características identificadas na fase de observação. Do cruzamento de todos os dados, resulta a proposta de um edifício de pequenas dimensões, composto por um volume maior, paralelepipédico, e um mais baixo, quadrangular, de apoio à cozinha, denunciada pela grande chaminé. O acesso ao edifício seria feito por uma escadaria exterior, de acesso a um patim sem alpendre. A divisão programática dos dois volumes deveria funcionar de forma bastante semelhante aquilo que se passava noutras construções da mesma tipologia no País. O piso semi enterrado serviria funções de abrigo de animais ou armazenamento de produtos sazonais como fruta e cereais. Os espaços comuns da casa, como a cozinha ou a sala, funcionariam no primeiro piso, nível onde se apresenta também o segundo volume, mais baixo, que se acredita ter funcionado como espaço de apoio à cozinha, à semelhança do que tantas vezes se vê em obras deste tipo. Por fim, o andar sobrado daria lugar às câmaras de dormir, onde as freiras descansariam. Em planta, a organização do edifício rege-se por uma métrica de 6,3m, sugerindo uma variação regional da tradicional vara de 1,1m.

Sempre através da observação do edifício e do levantamento métrico, foi possível perceber a existência de uma outra fase construtiva, também ela anterior a 1714, pela linguagem que a caracteriza, mas posterior ao volume primitivo descrito anteriormente, provavelmente do início do século XVII. Embora não exista qualquer documentação que o comprove, o

"*A divisão programática dos dois volumes deveria funcionar de forma bastante semelhante aquilo que se passava noutras construções da mesma tipologia no País.*"

[4] CASAS E FAMÍLIAS NOBRES DE PONTE DE LIMA: IV. *ALMANAQUE ILLUSTRADO O COMÉRCIO DO LIMA*. 1924, P. 271

[5] ANDRADE, AMÉLIA AGUIAR – *UM ESPAÇO URBANO MEDIEVAL: PONTE DE LIMA*. LISBOA, 1990, P.126

intervalo temporal em que se insere, sugere que esta construção terá ainda estado associada à ligação do Convento de Val de Pereiras com aqueles terrenos.

Os volumes que se acredita terem feito parte das intervenções desta época foram já alvo de intervenções, principalmente ao nível dos vãos no alçado sul. No entanto, indícios no restante conjunto como a continuidade e espessura das paredes no piso semi enterrado das caves; a linguagem bastante arcaica de alguns dos vãos que se abrem para o saguão a Este; e o jogo de coberturas, parecem atestar a teoria de que o primitivo volume paralelepipédico, terá sido aumentado para um conjunto de planta em L nesta segunda fase. Os exemplos comparativos estudados, a Casa da Boa Viagem, em Viana do Castelo, e o Paço dos Pinheiros, em Barcelos, parecem reforçar a tese sobre aquele que terá sido o resultado final das intervenções desta época no Paço de Val-de-Pereiras: um conjunto de planta em L, com torre no cunhal, que terá entretanto sido desmantelada ou nunca totalmente construída. A sugestão da existência de um elemento mais alto, como uma torre, vem do desfasamento altimétrico de cerca de 0,5 m, identificado nas paredes e na cobertura, precisamente no cunhal. Dado o propósito monástico do edifício, a hipótese mais provável parece ser a da possível existência de um mirante em estrutura leve, e não de uma torre típica, que permitisse às freiras ultrapassar a en-

FIGURA 3.
Reconstituição tridimensional da fase 1

FIGURA 4.
Reconstituição tridimensional da fase 2

volvente com o olhar, sem serem vistas. A Este, o torreão terá sido construído alguns anos depois, com função de latrina.

A Casa de Nossa Senhora da Aurora

As terceira e quarta fases construtivas do edifício, correspondentes à criação da Casa de Nossa Senhora da Aurora, tiveram lugar no século XVIII. Contrariamente ao que se verificou nas fases anteriores, este é um período que se encontra bastante bem documentado. A maior dificuldade reside em perceber o porquê da propriedade de Val-de-Pereiras ter sido vendida à família dos Sá Coutinhos. No século XVIII, a comunidade de Val-de-Pereiras entrou num período de dificuldades financeiras que não cessaria até ao século XIX com a extinção da mesma. *"Porém, os problemas de liquidação não foram característicos do século XIX (...) Em 1723, por exemplo, o procurador das religiosas conseguiu satisfazer parte de uma dívida através da venda de três leiras que o devedor tinha penhorado"*[6]. Este momento de escassez de recursos, numa comunidade com *"falta de meios de subsistência devido ao excesso de extranumerárias"*[7], pode ter motivado a venda de todas as propriedades do Convento, tendo contemplado, muito provavelmente, o objecto em estudo. Após um período de compras de vários terrenos e casas no Arrabalde, descreve-nos Miguel Roque dos Reys Lemos, em 1938[8], que *"A capela de Nossa Senhora da Aurora é particular e mista com o palacete do Visconde de Aurora, representante dos Sás Coutinhos, sita na Rua do Arrabalde / Uma e outra foram mandados fabricar em 1714 a 1718, sem embargo da data erradamente retocada a ouro sobre azul na inscrição que coroa a portada. Foram concluídos em 1730."*92 De 1723 é a *"obrigação à fábrica da Capela de Nossa Senhora da Aurora no Arrabalde, a favor do Desembargador João de Sá Soto Maior, que por estar na América fez promessa à dita Virgem de lhe fazer a dita capela na sua Quinta do arrabalde e pede licença para a poder começar"*93. A vasta base documental existente, relativa à criação da Casa de Nossa Senhora da Aurora e sua Capela, torna a inserção do objecto num tempo bastante simples.

> ***"As marcas observáveis no edifício, denunciam aquela que foi a maior empreitada na Casa de Nossa Senhora da Aurora, desde a sua fundação como paço de Val-de--Pereiras."***

As marcas observáveis no edifício, denunciam aquela que foi a maior empreitada na Casa de Nossa Senhora da Aurora, desde a sua fundação como paço de Val-de--Pereiras. Neste tempo, terá sido feita a aproximação da casa à Rua do Arrabalde, através da criação de um novo corpo longitudinal que acompanha o movimento da rua. A adição deste novo volume ao "L" resultante das campanhas construtivas anteriores, originou um novo gesto em "U", bastante característico de construções da época como o Palácio de Mateus. A este corpo habitacional, ter-se--ão adicionado os volumes da ca-

[6] ESTEVES, ALEXANDRA, ARAÚJO, MARIA MARTA LOBO DE (COORD.) – *PONTE DE LIMA: SOCIEDADE ECONÓMICA E INSTITUIÇÕES*. BRAGA, 2012, P. 210

[7] IDEM, *IBIDEM*, P.210

[8] DATA DA PRIMEIRA EDIÇÃO DOS ANAIS MUNICIPAIS DE PONTE DE LIMA

pela, a Oeste, e de um torreão, a Este. No cunhal NO, exibe-se o brasão esquartelado dos Sás, Sottomaior, Rebelos e Abreus.

Desde que foi criada, até aos nossos dias, a Casa de Nossa Senhora da Aurora nunca conheceu outros proprietários que não a família dos Sá Coutinho Rebelo Sotto Maior, vulgarmente referidos como os Condes d'Aurora. *"Foram fundadores os avós do referido titular, o Desembargador João de Sá Sotto Maior e sua mulher D. Maria Joana de Castro Barreto da Gama e Macedo como se vê da escritura de 4 de Agosto de 1723"*[9]. Foram quatro as gerações de condes que se destacaram na sociedade nacional, em várias áreas como a aristocracia ou a escrita. A forma particular como os senhores da Aurora sempre se integraram na vida social local demarca-os dos seus pares. Pode ler-se num testemunho de Luís Forjaz Trigueiros: *"As Feiras Novas põem à prova a identificação entre o povo e o senhor rural Minhoto... então o átrio da Casa de Nossa Senhora de Aurora, na Vila, foi-se enchendo aos poucos. (...) Ao descermos do jantar, Gilberto Freyre confidenciava ao dono da casa (...) ter encontrado ali uma autêntica lição de democracia, pois as senhoras da família confraternizavam, como sempre, com o povo, cantavam com ele, simplesmente, num coro unânime."*[10]

O novo corpo principal desenvolve-se em dois pisos, sendo a sua cércea praticamente idêntica à das construções pré-existentes. No primeiro piso, acedido através da Rua do Arrabalde, o espaço divide-se em três grandes compartimentos com funções associadas à chegada ao edifício, como cavalariças ou acesso à escadaria principal. No piso superior, acedido pela escadaria referida, têm lugar as atividades sociais da casa. A extensão do andar divide-se em quatro grandes salões actualmente designados como: Sala de Entrada, Sala da Índia, Quarto do General e Sala do Jardim. Todos os salões são ligados entre si. A fachada deste volume é organizada em dois estratos horizontais, divididos verticalmente em três corpos. No estrato superior, onze janelas de sacada iguais, servidas por varandas, marcam o ritmo da fachada. As varandas traçam um friso horizontal que divide os dois estratos do edifício, não contrariando no entanto a leitura vertical do mesmo, dada pela organização de vãos e pilastras. No estrato térreo, onze vãos, organizados num esquema aba/cbabc/aba - sendo a. postigo, b. Porta de verga recta e c. Janela de guilhotina – alinham-se com os vãos do piso superior. O alinhamento vertical entre vãos de ambos os pisos desenha-se nas mísulas colocadas na bandeira do piso térreo, duas no topo de cada vão, que servem de suporte aos vãos do piso superior, estes rematados por frontões triangulares.

Lateralmente, o volume da capela dedicada a Nossa Senhora da Aurora[11], acedido igualmente pela Rua do Arrabalde, encontra- se

[9] LEMOS, MIGUEL ROQUE DOS REYS – *ANAIS MUNICIPAIS DE PONTE DE LIMA*. 2ª EDIÇÃO. PONTE DE LIMA, 1977, P.106

[10] VIEIRA, AMÂNDIO DE SOUSA – *PONTE DE LIMA OUTROS TEMPOS: 1858-1949*. PONTE DE LIMA, 1994, P.71

[11] NÃO EXISTEM REGISTOS DE NENHUMA OUTRA DEDICAÇÃO A NOSSA SENHORA DA AURORA NO NOSSO PAÍS

FIGURA 5.
Reconstiruição tridimensional da fase 3

cerca de três metros recuado em relação ao frontispício. A sua entrada é cercada por um muro, no alinhamento da fachada principal, criando um pequeno pátio. No alçado, flanqueado por pilastras e rematado com entablamento, um portal de verga recta com cornija sobre pilastras, marca o local de entrada. Ao mesmo liga-se uma janela, no piso superior, encimada por frontão triangular interrompido. Na inscrição da fachada pode ler-se "ANNO D NI (Domini) 1731 MESE 7 BRIS (Setembris) CANDIT... PIETAS CRESCAT ET ALMUS AMOR. HOC TIBI JOANNES RUTILANS AURORA"[12]. Pelo interior, um imponente retábulo de talha dourada, abraça a figura de Nossa Senhora da Aurora, colocada ao centro. Sobre a porta de entrada, um coro alto agarra-se às paredes da capela, revestidas a azulejo.

Seguindo a mesma linguagem, também neste período surge o novo torreão, adossado ao alçado Este do edifício. De dimensões ligeiramente superiores aquele já existente, este novo torreão parece querer reforçar o movimento em U assemelhando-se a outras construções da época como a Casa das Torres da Facha.

Nas décadas sucessivas, o espaço vazio entre o volume habitacional e o volume da capela, terá sido fechado, originando uma capela palatina com acesso direto ao coro alto através do Quarto do General. Ter-se-á tratado de um gesto natural já que se verifica em praticamente todas as casas nobres com capela lateral no território nacional. O desígnio régio dizia

[12] TRADUÇÃO: "ANO DE 1731 MÊS 7. QUE A PIEDADE CRESÇA À IMAGEM DO AMOR MATERNO. TAMBÉM POR TI, JOÃO, BRILHA A AURORA." IN STOOP, ANNE DE – *ARQUITECTURA SENHORIAL DO MINHO*. BRAGA, 2015, P.387

que *"Pelo respeito devido a este lugar sagrado prescrevia-se que as capelas fossem separadas das residências, embora pudessem estar ligadas a estas por passadiços"*[13], pelo que seriam construídos separadamente e, anos mais tarde, unidos por volumes de ligação.

A Manutenção

A última fase construtiva da Casa de Nossa Senhora da Aurora teve lugar nos séculos XIX e XX. As obras levadas a cabo neste período não trouxeram alterações de maior ao conjunto edificado nos séculos anteriores, tratando-se de intervenções de pequena dimensão que visaram alterar ou ampliar espaços já existentes.
Relativamente a estes dois séculos, a base documental encontrada no arquivo particular da Casa de Nossa Senhora da Aurora é mais vasta, permitindo identificar com alguma clareza quais as intervenções levadas a cabo neste período. Esta quantidade de documentos, quer escritos, quer gravuras é, provavelmente, justificada pela crescente importância da família dos Sá Coutinho Rebelo Sotto Maior, que culminaria, em 1887, na criação do título de Conde de Aurora a favor de João de Sá Coutinho da Costa de Sousa de Macedo Sotomaior Barreto (Desembargador da Relação do Porto e de São Salvador da Baía), 1o Conde de Aurora. O fortalecimento do estatuto social da família, terá levado à necessidade de registar, por um lado, todas as atividades levadas a cabo nas suas propriedades, e por outro, de eternizar o património, através de gravuras.

> ***"A última fase construtiva da Casa de Nossa Senhora da Aurora teve lugar nos séculos XIX e XX."***

A Questão Autoral

A questão autoral surge no suceder do reconhecimento do valor patrimonial que o edifício em estudo possuí pela importância dos gestos arquitectónicos que representou em cada tempo construtivo. O desenho da intervenção levada a cabo no século XVIII, que deu o nome à Casa de Nossa Senhora da Aurora, tem vindo a ser atribuída a Manuel Pinto de Vilalobos, arquitecto de relevo no Norte do país entre o final do século XVII e 1834. Apesar do interesse e do valor inquestionáveis da casa enquanto objecto arquitectónico e histórico, por tudo aquilo que foi referido anteriormente, a associação da mesma a um nome como o de Vilalobos, dota-a de uma valia ainda maior, já que os melhores arquitectos só estariam associados a obras e famílias da relevo, ficando a maior parte das construções da época a cargo de mestres pedreiros hoje caídos no anonimato. Apesar desta associação entre a casa e o arquitecto há muito ser indicada, nunca foi comprovada pelo que se trata, até à data, de uma atribuição meramente especulativa.
Uma vez que a análise teórica da obra de Vilalobos foi já feita por Miguel Soromenho[14], *"A fortuna das fachadas classicizantes de-*

[13] STOOP (2015), P. 13

[14] SOROMENHO, MIGUEL – *MANUEL PINTO DE VILLALOBOS: DA ENGENHARIA MILITAR À ARQUITECTURA.* DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM HISTÓRIA DA ARTE APRESENTADA NA FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA. 1991

senvolvidas por Manuel Pinto de Vilalobos depressa ultrapassou os muros da vila de Viana. Elas aparecem em Monção (...), chegaram a Ponte da Barca (...), e atingiram por fim uma moumentalidade sem precedentes na Casa dos Condes de Aurora, em Ponte de Lima, que tem andado atribuída, não sem fundamento, à arte de Vilalobos"[15], este ensaio procurou aprofundar a questão, através da realização de um estudo visual e métrico detalhado.

De Vilalobos, sabe-se que foi um dos mais importantes arquitectos do Norte do país da sua época de intervenção, tendo sido responsável por obras nos domínios militar, religioso e civil. A par do que Manuel Fernandes da Silva, fez em Braga, Vilalobos foi o grande impulsionador da arquitectura em Viana do Castelo.

A este estudo, para além das obras de Vilalobos, interessavam obras contemporâneas à construção da Casa de Nossa Senhora da Aurora, e de tipologia semelhante, que fossem passíveis de comparação entre elas, e que permitissem chegar a uma conclusão sobre quais as que mais se aproximavam da construção do objecto em estudo. Foram por isso seleccionadas 8 obras, de diversos autores: A Casa de Corujeiras, em Guimarães; a Casa da Vedoria, em Viana do Castelo; a Casa da Carreira, em Viana do Castelo; o Palácio dos Falcões, em Braga; a Casa Pimenta da Gama, em Viana do Castelo; a Casa do Mirante, em Viana do Castelo; a Casa Gonçalo de Barros, em Viana do Castelo; e a Casa do Benfeito, em Barcelos. Por se considerarem os elementos mais caracterizadores de uma determinada maneira de construir, os vãos de todos os exemplos foram comparados com os da Casa de Nossa Senhora da Aurora. Do mapa conclui-se que o objecto de estudo em tudo se assemelha ao desenho das casas Pimenta da Gama, do Mirante, e Gonçalo de Barros, todas da autoria de Manuel Pinto de Vilalobos e com características comuns como a utilização de frontões triangulares no coroamento dos vãos de sacada do andar nobre; o friso contínuo que divide os dois estratos horizontais; a descentralização do portal de entrada; e a colocação de um eixo de simetria no centro da fachada.

Uma vez identificadas as semelhanças com outras obras do autor, interessava aprofundar a análise e fazer um estudo comparativo detalhado com uma obra específica. A obra seleccionada foi a Casa Pimenta da Gama, uma vez que pertenceu também ela à família dos Sá Coutinho. Após a realização do estudo métrico da fachada da Casa da Aurora, alguns excertos foram utilizados para comparação com a mesma secção na Casa Pimenta da Gama. Apesar da distorção perspectica natural das fotografias da Casa Pimenta da Gama, que não foi ainda alvo de um levantamento arquitectónico, as semelhanças entre as duas obras são tantas que praticamente não precisariam de confirmação teórica.

Para além das proporções de ambas serem equivalentes, as transi-

"De Vilalobos, sabe-se que foi um dos mais importantes arquitectos do Norte do país da sua época de intervenção, tendo sido responsável por obras nos domínios militar, religioso e civil."

[15] IDEM, IBIDEM, P. 196

ções entre elementos não deixam qualquer dúvida. Os encaixes entre janela de sacada, varandim e postigo são tão semelhantes que não seria exagero supor que pertencem à mesma obra. Tais semelhanças não se baseiam na formalização dos elementos das portas e janelas mas vão ao desenho dos pormenores como cachorros, guardas ou caixilharia.
Apesar da escala da Casa de Nossa Senhora da Aurora que não existe na Casa Pimenta da Gama, as analogias, do geral ao detalhe, não deixam dúvidas de que ambas terão sido desenhadas pelo mesmo autor, Manuel Pinto de Vilalobos. Teoria provável é de que a casa de Viana tenha servido como local de experimentação do desenho que Vilalobos tinha em mente para a Casa da Aurora, sendo depois capaz, em Ponte de Lima, de uma obra de monumentalidade sem precedentes no seu repertório.

Síntese

Da presente investigação pode concluir-se que a Casa de Nossa Senhora da Aurora não se trata de um objecto estanque no tempo mas antes de um conjunto em permanente mutação, respondendo a necessidades e gostos de diversas épocas.
A escassez de provas documentais não permite ter certezas em relação às primeiras fases construtivas do objecto. No entanto pareceu interessante para a investigação estudar a possibilidade da fundação do conjunto ter estado ligada ao Convento de Val de Pereiras. Importa realçar que, embora as motivações que levaram aos dois primeiros ímpetos construtivos não sejam certas, pelo que foi referido anteriormente, a análise detalhada do edifício e do levantamento métrico levam a que as reconstitutições volumetricas e as contextualizações temporais feitas em relação a estes dois momentos, sejam o mais verdadeiras possível.
O século XVIII veio transformar o paço de Val-de-Pereiras na Casa de Nossa Senhora da Aurora, dos Sá Coutinho Rebelo Sotto Maior. Embora nenhuma das fases possa ser dissociada do resultado final a que hoje temos acesso, o gesto arquitectónico protagonizado por Manuel Pinto de Vilalobos constituí o momento de maior importância na história do conjunto. Um edifício até então de cariz muito privado, fechado da envolvente, abre-se e envolve-se com o lugar, respondendo, através do desenho, de forma exímia a todas as dificuldades levantadas pelo contexto onde se foi inserir. É clara a leitura da criação de um conjunto em U, dotando o edifício de duas frentes: a primeira, voltada para a Rua do Arrabalde que caracteriza o gesto tipicamente urbano do barroco; a segunda, que abraça o pátio criado no interior do U, mostra como a construção nova foi desenhada de forma a criar harmonia com o pré existente. Não só o objecto final resulta numa sintonia de volumes, como se traduz numa complementaridade entre as construções. Traz ainda novas pers-

> ***(...) a Casa de Nossa Senhora da Aurora não se trata de um objecto estanque no tempo mas antes um conjunto em permanente mutação, respondendo a necessidades e gostos de diversas épocas.***

pectivas a uma época com poucos exemplos de tão grande dimensão como a Casa de Nossa Senhora da Aurora. Visto tratar-se de uma construção do início do século XVIII, as soluções de gosto barroco são já bastante evidentes pelo posicionamento do objecto em relação à rua, mas ainda não estão presentes, por exemplo, na caracterização da fachada, toda ela bastante simples e de linguagem clássica. Fala-se por isso de um período de transição, vulgarmente designado como maneirismo.

Ao longo das três partes que constituem a investigação, a procura pelo conhecimento e valorização do objecto, das suas gentes e da sua terra resultaram num estudo transversal e informado, capaz de contar detalhadamente a história construtiva do edifício, desde o século XVI, até ao presente. Para além do valor das conclusões retiradas ao longo do estudo, as produções originais, como o levantamento arquitectónico, constituem acréscimos importantes para o valor patrimonial do objecto e pontos de partida para estudos, ou intervenções futuras na Casa de Nossa Senhora da Aurora. De salientar, é ainda o estudo feito na última parte do trabalho, em que fica provada a intervenção de Manuel Pinto de Vilalobos no risco da casa e capela do século XVIII. Também neste aspecto se pretende que a dissertação seja um ponto de partida, informando estudos que futuramente procurem colmatar a lacuna que existe no conhecimento da obra de muitos arquitectos portugueses. Quanto à Casa de Nossa Senhora da Aurora, é agora um objecto informado e passível de uma apreciação conhecedora, vendo o seu valor patrimonial reconhecido e exponenciado.

“

Ao longo das três partes que constituem a investigação, a procura pelo conhecimento e valorização do objecto, das suas gentes e da sua terra resultaram num estudo transversal e informado, capaz de contar detalhadamente a história construtiva do edifício, desde o século XVI, até ao presente.

”

FIGURA 6.
Fotografia da Casa de Nossa Senhora da Aurora

FIGURA 7.
Fotografia da Casa Pimenta da Gama

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Amélia Aguiar – *Um Espaço Urbano Medieval: Ponte de Lima*. Lisboa: Livros Horizonte, 1990. ISBN 972-24-0771-6

- AZEVEDO, Carlos – *Solares Portugueses: Introdução ao estudo da casa nobre*. Lisboa: Livros Horizonte, 2ª Edição. 1988

- Casas e Famílias Nobres de Ponte de Lima: IV, *Almanaque illustrado O Comércio do Lima*. Ponte de Lima, 1924; Volume VI, p. 270-276

- ESTEVES, Alexandra, ARAÚJO, Maria Marta Lobo de (coord.) – *Ponte de Lima: Sociedade Económica e Instituições*. Braga: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar "Cultura, Espaço e Memória"; Município de Ponte de Lima, 2012. ISBN 978-989-8612-01-4

- LEMOS, Miguel Roque dos Reys – *Anais municipais de Ponte de Lima*. 2ª edição. Ponte de Lima: Câmara Municipal de Ponte de Lima, 1977

- SOROMENHO, Miguel – *Manuel Pinto de Villalobos: Da engenharia militar à arquitectura*. Dissertação de Mestrado em História da Arte apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 1991. Texto policopiado

- STOOP, Anne de – *Arquitectura Senhorial do Minho*. Fotografia de João Paulo Sotto Mayor. 1a edição. Braga: Caminhos Romanos, 2015. ISBN 978-989-8379-43- 6

- VIEIRA, Amândio de Sousa – *Ponte de Lima Outros Tempos: 1858-1949*. Ponte de Lima: Foto Lethes, 1994.